

IDEALIZAÇÕES DE MULHERES, MODELOS DE EDUCAÇÃO

IMAGENS FLUTUANTES: MULHER E EDUCAÇÃO (SÃO PAULO, 1910/30)*

*Maria Cândida Delgado Reis***

A conquista dos mais elementares requisitos de cidadania pelas mulheres resulta de árduas e longas lutas, que aos poucos e de forma seletiva, vão colocando as franquias institucionais ao seu alcance. A educação e o voto constituíram as primeiras bandeiras de luta das feministas do século XIX, e os debates sobre a educação e a socialização das mulheres mantêm-se presentes até hoje, nos trabalhos de organizações, movimentos e instituições que denunciam formas específicas de exploração, discriminação e violências específicas contra elas.

A forte representação das mulheres, como responsáveis “naturais” pelo espaço doméstico privado, independente de sua inserção, ou não, na vida profissional, parece originar-se de supressões, em alguns momentos históricos precisos de diferentes possibilidades para a construção de destinos diversificados.

As duas primeiras décadas de nosso século foram marcadas por investidas das mulheres rumo a novos caminhos. O trabalho fora do lar, para as mulheres das camadas populares, não era novidade, pois ao final do século XIX no Brasil, elas constituíam 78,3% da mão-de-obra fabril e 70,0% na prestação de serviços conforme o Recenseamento da População do Império do Brasil em 1872¹. Antes disso, já ocupavam outros espaços informais de trabalho como evidencia a significativa presença de mulheres pobres, exercendo atividades comerciais e de serviços, nas ruas da cidade de São Paulo desde os finais do século XVIII (Dias,

* Este artigo aborda algumas das questões tratadas na dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, em outubro de 1991, sob o título *Tessitura de Destinos: Mulher e Educação* (São Paulo, 1910/20/30) posteriormente publicada pela EDUC (Reis, 93).

** Doutoranda em História pela USP. Diretora da E.E.P.S.G. Professor Alípio de Oliveira e Silva, Taboão da Serra (SP).

1. Relatório e Trabalho Estatístico, Rio de Janeiro, Diretoria Geral de Estatística, 1875. Arquivo Nacional.

84). Essas presenças denotam que as duas faces da maldição bíblica já há muito tempo vêm sendo prerrogativas das mulheres.²

No entanto, a trajetória da representação das mulheres pela sociedade, entre o seu encerramento no espaço privado do lar e da família e a imposição de sua visibilidade nos espaços públicos, não tem seguido um caminho tranqüilo de conquistas progressivas. Esse trajeto registra, assim como, os movimentos de trabalhadores e outros, oscilações e retomadas, que se contrapõem a possíveis perspectivas evolucionistas e lineares da história.

No período compreendido pela pesquisa, com o avanço do processo de urbanização, o aumento do número de fábricas e a expansão dos serviços, ao mesmo tempo e no mesmo sentido dos discursos que agitavam as bandeiras do progresso, da ordem e da modernidade, a discussão sobre o lugar, a educação e os destinos das mulheres ganhou significativo espaço nos meios políticos, educacionais e na imprensa em geral.

A presença crescente de mulheres nas escolas e outros espaços públicos, revela que sua luta por destinos diferentes daqueles até então prescritos para elas, começava a operar mudanças em suas expectativas. O afluxo às escolas, bem como a reivindicação do direito ao voto e outras prerrogativas da cidadania, passaram a despertar atenção cuidadosa por parte de representantes dos diferentes segmentos sociais e políticos da época.

A escolha de ser professora, secretária, costureira, bordadeira, enfermeira, ou outras profissões consideradas como tipicamente femininas, longe de fazer parte de opções livremente “naturais”, participa do jogo de poder da sociedade, onde às mulheres compete a maioria dos trabalhos em cuidados e serviços para com os outros. As reconstruções históricas dessas profissões, apontam para práticas comprometidas com as assimétricas relações entre os gêneros. Essa divisão pressupõe, não apenas diferenças biológicas, mas também, históricos processos de relações sociais de sexo, que institucionalizam práticas de exclusão e desigualdades na distribuição de poder e prestígio. Nesse sentido as observações de Michelle Perrot, sobre o significado de trabalhos considerados femininos são significativas para a compreensão dessas construções:

Enraizada no simbólico, no mental, na linguagem, a idéia ou a noção de trabalho feminino é uma construção social ligada as relações assimétricas entre os sexos. Ela expõe as

2. Na gênese ocidental e cristã do mundo, aliadas a perda do paraíso, ao homem e a mulher couberam específicas maldições divinas: a ele *Ganharás o pão com o suor do teu rosto* e à ela *Multiplicarei os sofrimentos de teu parto. Darás a luz com dor a teus filhos; teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio* (Gênesis).

armadilhas da diferença, inocentada pela natureza e estabelecida como princípio organizador numa relação desigual.³

Essas escolhas profissionais, bem como sua tradicional função no lar, participam de destinos pensados, elaborados e propostos às mulheres a partir de diferentes óticas. Estas partem, tanto do quadro mais amplo dos projetos de ordenação social que, a partir dos anos 20, buscaram enquadrar toda a sociedade⁴, como também de projetos alternativos e libertários para sociedades futuras.

Farta documentação do período em pauta, tornam evidentes as articulações entre as tendências e práticas tradicionais da sociedade, e os interesses institucionais e de grupos, em manter e ampliar as dominações as opressão sobre as mulheres. Essas articulações se expressam através de um ordenamento social que estreitava os caminhos de sua participação pública e reconduzia as mulheres, por discursos e práticas, de volta ao lar, considerado como o lugar “legítimo” para exercerem sua “verdadeira” função social; estimulando-se assim profissões que de alguma forma se identificavam com as representações do *eterno feminino* no mundo do trabalho.

Nesse sentido, é interessante observar que as preocupações em torno da mulher, não diziam respeito, apenas e diretamente a sua presença no trabalho remunerado fora do lar, mas a sua participação pública na sociedade. Passando por diferentes interpretações, os dados dos recenseamentos entre os anos de 1872 e 1940 apontam para um significativo decréscimo na participação feminina na força de trabalho efetiva do país, em 1872, 45,5% e em 1940, 15,9%. Enquanto autoras como Saffioti:79 e Pena:81 enfatizam a questão econômica e de mercado de trabalho, outras como Lopes:85 consideram a “resistência das mulheres ao violento processo de trabalho sob a organização capitalista”, como fatores explicativos para a diminuição desse contingente.

Sem desconsiderar essas primeiras explicações, mas colocando em suspensão a terceira por falta de maiores discussões e argumentos, considero importante, no entanto, levar em conta o peso das questões políticas, socioculturais e morais que participam desse movimento de refluxo das mulheres em direção ao lar. Inúmeras são as evidências de que a educação escolar, principalmente aquela promovida pelo Estado, e a informal através da imprensa e outros meios de comunicação da época, colaboraram de forma significativa para forjar as imagens de mulheres, que corres-

3. Tradução livre do artigo “Qu’est-ce qu’un métier de femme?” In: *Le Mouvement Social*, n.140, Les Éditions Ouvrières, Paris, juillet/septembre, 1987.
4. Múltiplas dimensões desses projetos podem ser acompanhados nos trabalhos de Antonacci:93, Decca:87, Rago:85, entre outros).

pondessem às expectativas em relação a elas, nas diferentes etapas desse movimento de refluxo.

Ecos do Passado...

As oscilações que historicamente têm marcado a trajetória das mulheres no espaço público, revelam que as construções culturais apoiadas, ainda hoje, na “essência” e “natureza” femininas têm sido determinantes para estabelecer e sustentar as desigualdades nas posições ocupadas por homens e mulheres na família, educação, trabalho e outros espaços da vida social.

Debates e opiniões diversas, registrados não apenas em publicações diretamente ligadas a educação formal das instituições de ensino, mas também através de espaços informais de educação, na crônica em geral, em revistas, jornais e publicações diversas, apontam significativas articulações, entre os espaços formais e informais, no que diz respeito às representações quanto aos lugares considerados próprios para as mulheres na sociedade.

Entre inúmeras publicações do período, representando diferentes posições políticas e culturais, onde invariavelmente as discussões em torno das mulheres e suas questões acabam por direcioná-las para o lar e as crianças, acompanharei duas delas de origens bastante diversas.

Nos anos 30, quando o rádio se expandia como o mais importante veículo de comunicação, Armando Bertoni como locutor e diretor do programa “No Velho São Paulo”⁵, levado ao ar em audições semanais, expressava através das ondas radiofônicas da PRG.2, depois Rádio Tupi, suas lembranças e opiniões. Entre músicas de época e crônicas sobre temas da vida cotidiana, relacionamentos amorosos, modas e hábitos diversos, esse radialista expunha de forma exemplar diferentes movimentos das mulheres na sociedade.

Fazendo alusões constantes às representações de homens e mulheres de suas lembranças, o autor promovia interessantes distinções discursivas entre eles. Ao referir-se a elementos do sexo masculino, o radialista em geral era conciso, fazendo uso de poucos adjetivos. Quando se referia às mulheres, não poupava “qualificações” e as brindava com uma constante preocupação quanto aos seus destinos e costumes. Consideradas sujeitas a adoção de comportamentos e hábitos destoantes, modas ri-

5. Crônicas selecionadas desse radialista foram publicadas “sob os auspícios das Casas Pernambucanas”. Bertoni:42.

dículas e outras posturas pouco elogiáveis, elas eram personagens constantes em suas crônicas semanais.

As Mulheres de Ontem e de Hoje, um dos seus trabalhos mais expressivos nesse campo, revela com clareza as preocupações vigentes na época, quanto aos lugares e destinos das mulheres. Falando sobre as mulheres do passado ele dizia: “...as moças valorizavam-se pelas prendas domésticas que ostentavam...”.

Expressando sua opinião sobre as mudanças ocorridas ele afirmava: “...chegamos às vezes, a invejar nossos papais, que conheceram, admiraram e amaram aquelas mulheres tranqüilas e doces, cheias de babadinhos...”.

Em outro artigo intitulado *O que se lia há trinta anos* ele já inicia tratando somente da leitura “das moças” apesar da expressão genérica do título.

Falando de um passado saudoso, imaginado por ele como uma sociedade sem transformações visíveis nos costumes, o autor caracterizava as leituras das moças do passado da seguinte forma: “Os livros encorpados, que encerravam longas histórias, eram como aquelas valsas lânguidas e chorosas, feitas para alimentar a imaginação e o sonho das mocinhas casadoiras...”.

Expressando seu ponto de vista, sobre as transformações nos comportamentos femininos associados às leituras, o autor prossegue, demarcando os tempos em que as mudanças ocorreram e as formas pelas quais as mulheres, segundo ele, tomavam consciência de sua situação:

Depois veio a guerra, veio a revolução dos costumes, com a semi-emancipação da mulher (...), vieram os cabelos curtos, o cigarro, os cocktails, o cinema (...) e as moças começaram a ler Forel e Freud e todos os outros malabaristas do pensamento, que lhes revelaram seus recalques e seus desvios (...). Depois dessa febre, dessa liberdade de penetrar narrativas proibidas, veio a sede do saber (...). Mocinhas masculinizadas liam volumes de sociologia e tratados científicos...

É interessante observar que seus comentários, sobre o papel da guerra (1914-19), coincidem com as análises correntes sobre essa significativa saída das mulheres para o trabalho e o espaço público em geral. Além disso, o autor se mostra atento à estreiteza dos limites, até então conquistado pelas mulheres, referindo-se a uma *semi-emancipação*.

O temor da perda da “natureza” e “essência” femininas através do saber se evidencia, quando ele se refere às “mocinhas masculinizadas, que liam volumes de sociologia e tratados científicos”.

Ao referir-se às “leituras que revelaram seus recalques e seus desvios”, ele evidencia o fato de ter consciência da situação opressiva e submissa vivida pelas

mulheres. Apesar disso, esse “penetrar em narrativas proibidas” é considerado como uma espécie de sintoma de ebulições interiores, uma febre que desperta a “sede do saber”, e que era preciso conter em nome da manutenção dos valores e arranjos da sociedade.

Apesar das ambigüidades de seus comentários, o que enfim perpassa constantemente, o discurso é uma postura vigilante e, ao mesmo tempo, reveladora do impulso de coagir e manipular o comportamento do sexo feminino.

Ao mesmo tempo que acentua a existência dessas mudanças, a crônica também registra uma posterior retomada de antigos valores e hábitos, vista, aliás, pelo cronista como a cura de uma doença ou o saneamento do “mal”. A recuperação dos velhos e conhecidos costumes, comportamentos e valores é registrada com incontido alívio:

Felizmente a doença passou. E as moças voltaram a ler o que liam, há 30 anos, as suas mãezinhas e avózinhas. O cinema americano recolocou os seus pequenos cérebros inquietos nos moldes antigos. E elas sonhadoras e tranqüilas voltaram a folhear, em silêncio os grandes calhamaços que encerram histórias de amor...

Tanto a temida “doença”, quanto a “cura”; jubilosamente comemorada, soam como ecos de um relampejar de liberdade, e testemunham claramente que um campo de possibilidades havia sido aberto às mulheres. Elas já não poderiam ser contidas passivamente, no âmbito das perspectivas tradicionalmente válidas para a sociedade.

A crônica se reporta, em meados dos anos 30, a três gerações de mulheres: a avó, guardiã dos valores do eterno recato e domesticidade (“mocinhas casadoiras”), da que lhe sucede, marcada pelos desvios (“mocinhas masculinizadas”), e da contemporânea do autor (década de 30) que, finalmente, segundo ele, retorna a casa paterna ao recuperar através de “moldes antigos” os seus “pequenos cérebros”, antes abalados, “e em silêncio voltam a sonhar...”.

A perspectiva a partir da qual, esse cronista observa e comenta o movimento do fluxo e refluxo das mulheres no espaço público, nos permite algumas observações sobre os limites de seus horizontes: primeiro, quando ele fala das mulheres em geral, quando está se referindo a um segmento letrado, e portanto bastante limitado de mulheres na época, esse segmento constitui-se também, naquele momento, no seu público ouvinte (e posteriormente leitor), pois os aparelhos de rádio ainda eram nessa década objetos de desejo que só uma parcela privilegiada da população tinha acesso. Em segundo lugar, seu discurso faz coro às orientações mais conservadoras da época, que apoiando-se nos conhecimentos “científicos” forjados no pensamento positivista do século anterior, classificavam as mulheres como inferiores por possuírem *peque-*

nos cérebros (sic), concepção essa já ultrapassada, na época, por correntes de pensamento mais “arejadas”.

Além disso, sua consonância mais flagrante ocorre com o interesse dos grupos políticos dominantes que naquele momento propugnavam por uma ordenação social, onde para as mulheres o lugar mais digno a lhes ser destinado era o lar, como esposa e mãe, ou então aqueles outros, designados por eles como sucedâneo, cujo melhor exemplo é a escola, como professoras.

No entanto, apesar das discordâncias em relação aos pontos de vista expressos pelo autor, não é possível deixar de reconhecer que seus comentários são sugestivos quanto aos modos de pensar e viver de uma época, bem como nos permite vislumbrar com clareza os difíceis caminhos da emancipação feminina, cujos movimentos de idas e vindas foram analisados por Pascale Werner que afirma: “(...) Estranha impressão de repetição a cada eclosão do feminismo, como se a história das mulheres ficasse sempre no mesmo lugar, movimento de fluxo e refluxo, voltando sempre ao lugar de saída...” (Werner:79).

Projetos de Futuro...

A partir de um prisma totalmente diverso e escrevendo duas décadas antes, José Oiticica analisava alguns aspectos da condição feminina em um interessante artigo publicado ao longo de quatro números da revista anarquista *A Vida*.

Esse artigo, com o curioso título *O Desperdício da Energia Feminina*, reforça a perspectiva interclassista da questão da mulher, ao abordar suas formas de manifestação em diferentes segmentos sociais. Mesmo quando faz críticas exacerbadas às mulheres das classes dominantes, não deixa de apontar os aspectos específicos de sua opressão enquanto gênero:

(...) A mulher burguesa, freira ou proletária, não se dirige. *É dirigida.*

Burguesa – dirige-na os preconceitos religiosos, dirige-a a autoridade do marido, dirige-a o confessor, a moda, a vaidade, os caprichos. Freira – dirige-na as regras monásticas infantantes. Proletária – dirige-na o patrão e a miséria. (Oiticica:15)

Omitindo outras formas de opressão da mulher proletária, pois o marido certamente se constituía em mais uma delas, José Oiticica deixava explícito o seu ponto de vista, mesmo que de forma ligeira, em um outro momento do artigo quando menciona as diversas limitações impostas às mulheres do seu tempo:

Como cultivar na mulher as energias morais, se cada passo está medido, marcado, regulamentado pelas leis do casamento, pela maledicência da esquina, pela etiqueta de Paris, pela disciplina da fábrica, pelas conveniências do patrão, pelas urgências do pão diário?

O artigo é longo e aborda inúmeras questões referentes à educação e as potencialidades das energias femininas, desperdiçadas pelo sistema. Seus argumentos, escorados também no cientificismo do século XIX, acabam por encontrar-se com aqueles postulados pelos defensores das campanhas eugênicas de alguns anos mais tarde, bem como pontuam os limites da perspectiva anarquista brasileira quanto ao papel da mulher na sociedade. Vista prioritariamente como mãe pela literatura anarquista da época, a mulher na sociedade libertária mesmo devendo possuir inúmeras liberdades de escolha, tem sua imagem projetada no futuro como educada reprodutora de homens e valores. Estas palavras do autor ilustram essas perspectivas:

(...) A mulher mais do que o homem está submetida a essa ignorância e, não estando por isso a altura de sua missão educadora, representa mais um desperdício colossal de energia em prejuízo das gerações futuras.

Opiniões conflituosas, posturas diversas e finalmente o estabelecer-se de um discurso ordenador e dominante, marcam, nesse período, a trajetória da condição feminina na sociedade brasileira. Antes mesmo de afirmar-se o discurso autoritário do Estado Novo, sobre os espaços institucionais da escola e do trabalho já eram perceptíveis os indícios do desejo de se conter as mulheres nos cuidados do espaço privado do lar. Mesmo nos argumentos menos conservadores e nos mais libertários, as marcas pontuais dos valores da reprodução, atribuídos às mulheres, abriam brechas para a posterior legitimação do discurso da Ordem, para o qual os anos 30 foram exemplarmente produtores.

Evidentemente, a escolha de fragmentos destes discursos, não deve significar a exclusão de outras opiniões presentes na imprensa da época, todavia estes podem ser considerados como significativos e didáticos quanto as preocupações em torno das mulheres na época. Assim como expõem por trás da profunda diferença de enfoques, as convergências em torno das representações das mulheres na sociedade.

Tanto nas convergências como nos antagonismos esses discursos revelam que as questões de fundo, ou seja as relações de gênero, são constituídas desde há muito, em um campo tenso e conflituoso, estando representado fartamente, tanto na ideologia normativa e institucional, como nas propostas libertárias.

A presença marcante de discursos e práticas normativas em relação aos gêneros na educação formal através das instituições escolares⁶, demonstram que a desconstrução dessas ordenações assimétricas, requer uma hermenêutica específica que respalde intervenções profundas em nossa cultura, pois longe de serem vozes do passado elas expõem, a partir dos seus tempos, questões presentes ainda hoje na sociedade.

Referência Bibliográfica

- Antonacci, Maria Antonieta Martinez. *Vitória da Razão?* São Paulo, Marco Zero, 1993.
- Bertoni, Armando. *No Velho São Paulo*. São Paulo, Tipografia, Irmãos Giorgis, 1942.
- Decca, Maria Auxiliadora Guzzo. *A Vida Fora das Fábricas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Dias, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- Les Cahiers du Grif – *Le Genre de L'histoire*. Paris, n.37/38, Editions Tierce, printemps 88.
- Lopes, Eliane da Silva. *Fragments de Mulher: dimensões da trabalhadora. 1900-1922*. Campinas, UNICAMP, (dissertação de mestrado), 1985.
- Oiticica, José. “O Desperdício da Energia Feminina”. In: Revista *A Vida*. n° 2,3,4. Rio de Janeiro, 1914/15.
- Pena, Maria Valéria J. *Mulheres e Trabalhadoras: Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- Perrot, Michelle. “Qu'est-ce qu'un métier de femme?” In: *Le Mouvement Social*, n° 140, Les Éditions Ouvrières, Paris, juillet/septembre, 1987.
- Rago, Margareth L. *Do Cabaré ao Lar: utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- Reis, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de Destinos: Mulher e Educação (São Paulo, 1910/20/30)*. São Paulo, EDUC, 1993.
- Saffioti, Heleith I.B. *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- Werner, Pascale. *L'histoire sans qualités*. Alain Paire (org.) Paris, Galilée, 1979.

6. Na pesquisa (Reis:93), já citada, essas orientações são acompanhadas em duas escolas públicas: a Escola Normal “Caetano de Campos” e a “Escola Profissional Feminina do Brás”.